**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – CAMPUS DO MALÊS**
**BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**IVONE BALACK**

# RITUAIS DE KUPEEBÉ E SINNI CRITCH (RITUAIS FÚNEBRES) DO POVO BRASSA DA GUINÉ-BISSAU: O CASO BRASSA KUNTOÉ

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

**IVONE BALACK**

# RITUAIS DE KUPEEBÉ E SINNI CRITCH (RITUAIS FÚNEBRES) DO POVO BRASSA (BALANTA) DA GUINÉ-BISSAU: O CASO DE BALANTA KUNTOÉ

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa Dra Mariana da C. A. Petroni

SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA

2022

**IVONE BALACK**

# RITUAIS DE KUPEEBÉ E SINNI CRITCH (RITUAIS FÚNEBRES) DO POVO BRASSA (BALANTA) DA GUINÉ-BISSAU: O CASO DE BALANTA KUNTOÉ

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: _____de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Profa. Dra. Mariana da C. A. Petroni
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

---

Examinador/a Interno: Cristiane Santos Souza
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

---

Examinador/a Interno: Marlon Marcos Vieira Passos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA

2022

**Resumo:**

O presente trabalho frisa sobre o povo Brassa ou Balanta da Guiné-Bissau, com enfoque nos rituais fúnebres de Kupeebé e Sinni Critch. Diante disso, busca compreender e contestar os rituais de Kupeebé e Sinni Critch (Rituais de fúnebres e Toca-Choro) e a ligação com mundo dos vivos e o dos mortos a partir das cerimonias tradicionais. Desse modo, relatar sobre as cerimônias fúnebres do mesmo povo, debate acerca de origem do termo Brassa ou Balanta, organização da mesma sociedade, meios da continuidade e o país no qual localiza-se esse povo. Neste sentido, vale relatar que o método de ritual, o que remete a uma realização sobre ritual, a morte do povo Balanta, cerimônias fúnebres e ritual de Toca-Choro Balanta monstra que o povo citado crê na vivência da alma após a morte pois representa a viagem da alma para outro mundo. Não obstante, os rituais de Kupeebé e Sinni Critch são cerimônias que serve de homenageiam as almas dos seus entes queridos com um pressuposto de mostrar que tudo que ele/a já tinha feito de bom no mundo dos vivos foi reconhecido para sua família e além de tudo, é digno de que a sua alma descanse em paz. Nesta senda, a prática tradicional deste povo Brassa se define em uma vinculação com ancestrais, sobre de que tipo a base do universo necessita das suas ancestralidades, de maneira que o ritual de Kupeebé e Sinni Critch lhes outorga permanecer esta relação. Em conclusão, em termos metodológicos, utilizamos uma abordagem qualitativa com o recolha bibliográfico no que se refere a temática e trabalho de campo em Guiné-Bissau.

**Palavras-chave:** Brassa – Balanta; Balanta kuntoé; Ritual fúnebre - Toca-choro; Alma – Cosmologia.

SUMÁRIO

**1. INTRODUÇÃO**.....5
**2. PERGUNTA DE PARTIDA:**.....6
**3. JUSTIFICATIVA**.....6
**4. OBJETIVOS**.....7
4.1 GERAL.....7
4.2 ESPECÍFICOS.....7
**5. HIPÓTESE**.....8
**6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**.....9
6.1. Povo Brassa (Balanta) no contexto guineense.....10
6. 2. Cosmogonia Brassa, Povo Balanta e sua concepção da realidade.....11
6.3. As fases de rituais funerários de Balanta Kuntoé.....12
6.4. Balanta Kuntoé e procedimentos de Kupeebé (enterro).....13
6.5. Rituais Fúnebres de “Sinni critch” (Toca choro).....16
**7. METODOLOGIA**.....18
**8.CRONOGRAMA**.....20
8. 1**.** REALIZAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA.....20
8. 2. REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....21
**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**.....22

## 1. INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau, como muitos dos países da África, é composto por diversos grupos populacionais que constituem todo um contexto de riqueza multicultural. Dentro deste panorama, o povo Brassa, que é o foco principal desta investigação, se constitui como parte integrante desse mosaico étnico.

Diante disso, vamos traçar, em síntese, a situação geográfica do território guineense. Oficialmente, a República da Guiné-Bissau é um espaço geograficamente localizado na África do Oeste, limitado ao norte pelo Senegal, ao sul e leste se encontra os seus limites para com a república da Guiné-Conakry, enquanto que a oeste o território é banhado pelo Atlântico Sul. Segundo Odete Semedo (2011), esta atual geografia da Guiné-Bissau é produto do tratado Luso-Francês de 1886, que delimitou, de forma definitiva, o território que hoje conhecemos como dos Bissau guineenses, que corresponde a superfície total de 36.125 km². De acordo com o recenseamento geral da população e habitação de 2008/2009, a população da Guiné-Bissau foi estimada em 1.442.227 de pessoas (INEC, 2009).

Por conseguinte, diante da riqueza multicultural que o país oferece, verifica-se, no interior das organizações socioculturais dos povos, as especificidades cosmogônicas do povo Balanta[1] (Brassa). Todavia, os Balantas são povos com uma organização cultural de cunho complexo, considerando a sua composição populacional que envolve vários subgrupos. Como vários dos povos da Guiné-Bissau, os Balantas possuem uma rica tradição dedicada a despedida e as honrarias aos mortos. São cerimônias realizadas a partir da forma como este povo concebe e explica o mundo. Rituais essas que incidem sobre os rituais fúnebres que tem como finalidade o direcionamento glorioso dos entes querido póstumos para o mundo dos ancestrais, permitindo que as suas almas descansem no mundo dos espíritos.

O presente projeto de pesquisa propõe descrever e contextualizar etnograficamente os rituais fúnebres "kupeebé" e "Sinni critch" (Rituais Enterro e Toca-choro) do subgrupo Balanta Kuntoé da Guiné-Bissau. Essa prática simboliza uma forma de reconhecimento ou glorificação da pessoa morta, para que a alma do malogrado possa descansar na paz da eternidade.

[1] O nome balanta corresponde ao nome vulgar do povo Brassa na Guiné-Bissau, todavia, este grupo se autodenomina de Brassa. O Termo Balanta, segundo Carreira (em CARREIRA apud CAMMILLERI, 2010, pág, 14 à 15) já existia antes da chegada dos portugueses a GUINÉ BISSAU, e para ele o nome teve a sua origem na língua, foi dado pelo povo "Mandinga" que significa os rebeldes, os insubmissos, em outras palavras, os que não submetem de jeito nenhum.

## 2. PERGUNTA DE PARTIDA:

✔ No contexto da Guiné-Bissau, como se explica a cosmovisão do povo Balanta (Brassa)?

✔ Qual a relação entre a vida e morte na cosmovisão do povo Balanta Kuntoé?

✔ Quais as fases das cerimônias ritualísticas de Kupeebé e Sinni critch?

## 3. JUSTIFICATIVA

Sendo eu guineense a viver uma realidade de pluralidade de culturas, ambientes sociais e de várias experiências socioculturais pertencentes a distintos povos do meu país, em especial o grupo populacional da qual eu pertenço, o povo Balanta, senti-me inspirada a representar, academicamente, as experiências culturais do meu povo. Substancialmente, considerei a ideia de trabalhar esta temática ao chegar para a UNILAB, seguida de uma longa reminiscência sobre a temática e lembranças das oportunidades de encontro presencial relativamente a questão. Além desse contacto, me aproximei de algumas bibliografias que explanaram o assunto no âmbito acadêmico, neste sentido, achei muito pertinente debatê-lo posto que pertenço a este povo, partindo da inclusão das perguntas acima listadas para trabalhar o tema e alcançar o meu almejado.

Não obstante, a pesquisa se mostrará importante, de ponto de vista acadêmico, na medida em que poderá contribuir para ampliar o campo dos estudos sobre rituais religiosos, principalmente aqueles que incidem sobre o estabelecimento de contato entre o mundo dos vivos e dos mortos; também poderá conceber como instrumento de consulta para futuros pesquisadores que, provavelmente, irão se debruçar sobre o conteúdo nos vários estudos acadêmicos e científicos.

Em consideração ao exposto, creio que o presente trabalho mostra a pertinência pessoal, acadêmica e social. A proporção social do trabalho se respalda na medida em que pode colaborar para acolitar outros povos e, de maneira particular, os Balantas a entenderem a sua existência cultural e tradicional. O desempenho com as cerimônias “tradicionais” desse povo é contestado pelos costumes de novas gerações, na medida em que estão sob comando das convicções eurocêntricas, abandonando os seus conhecimentos culturais. Em relação a isto, este trabalho tem a finalidade de coadjuvar para a representação da conformidade cultural do povo Balanta e como material escrito que ajudará em assentar rasgos culturais desse povo. Pois, vale salientar que, a compreensão da forma que um determinado povo entende o mundo, materializado pelos rituais endógenos que dão sentido a vida, de forma

eminente, respalda no entendimento particular de cada povo, e, consequentemente, o nosso estudo de rituais fúnebres do povo Balanta, contribuirá na compreensão desse grupo populacional, concernente as duas dimensões da vida humana, a física e transcendental.

## 4. OBJETIVOS

4.1 GERAL

- ✔ Compreender os significados e sentidos internos das práticas que formam os Ritos e Rituais funerários “Kupeebé” & “Sinni critch” e suas relações intrínsecas com a estabilidade do mundo dos mortos;

4.2 ESPECÍFICOS

- ✔ Pesquisar os significados simbólicos da vida sociocultural do povo Balanta.
- ✔ Analisar o modo como “o povo Balanta Kuntoé” prática os Rituais preliminares de “Kukpeebé” & “Sinni critch”.
- ✔ Entender como se dá as relações espirituais de mutualidades que os balantas de Kuntoé estabelecem entre o mundo dos vivos e dos mortos.

## 5. HIPÓTESE

De acordo com Lakatos (2002), a hipótese é uma apresentação que se exerce na tentação de investigar a valimento de resolução verdadeiro para um problema. É uma conjuntura que antecipa a demonstração dos acontecimentos e tem como particularidade uma caracterização indefinida; existe a possibilidade de ser testada para estabelecer sua utilidade. Conveniente ou incorreta, tudo em ordem ou divergente ao sentido geral, a circunstância sempre encaminha a uma investigação prática.

Em vista disso, partimos do pressuposto de que a realização do Rituais fúnebre Kupeebé e Sinni critch para os Balantas pressupõe a religião na perpetuidade da alma e o sentido de reconhecimento da assistência e coexistência mútua com os nossos ancestrais, uma vez que esses rituais nos permitem manter esse vínculo de convivência representativa entre o mundo dos vivos e dos mortos. De outro ponto de vista, achamos que, se o ritual do Kupeebé e Sinni critch não for realizado a alma, da pessoa morta, pode causar impactos diretos ao mundo dos vivos e para a família, ação essa que constitui meio pela qual o finado demonstra o estado de sua situação no além-vida.

## 6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Mariza Peirano, uma proeminente antropóloga brasileira, é conhecida por suas análises e contribuições ao estudo dos rituais. Em seu trabalho, ela aborda a função dos rituais nas sociedades e como eles refletem e reforçam a estrutura social, as identidades e as relações de poder.

A análise de rituais feita por Peirano (2001), se concentra na compreensão dos símbolos e significados que esses rituais carregam. Ela explora como os rituais são não apenas práticas culturais, mas também mecanismos para a construção e manutenção da coesão social e da identidade grupal. Peirano examina como os rituais são utilizados para enfrentar crises, negociar hierarquias sociais e expressar e transformar a ordem social existente.

Além disso, ela investiga a dinâmica entre tradição e inovação nos rituais, considerando como as práticas rituais podem evoluir e adaptar-se às mudanças sociais. A análise de Peirano enfatiza a importância dos rituais na vida cotidiana e seu papel na perpetuação e adaptação das normas culturais e sociais.

Em resumo, a análise antropológica dos rituais feita por Mariza Peirano oferece uma visão profunda sobre como esses eventos estruturam e são estruturados pelas sociedades, oferecendo insights sobre a complexidade das práticas culturais e sociais.

Ainda ressalta que todos os autores compartem da essência da antropologia, que antropologia se progride pela constante repetição presumida na realização com que dados etnográficos discutem, em outras palavras, ampliam ideias predecessores.

Nesse sentido, autora ressalta que rituais são tipos específicos de fatos mais ofendidos e caracterizados, aptos para análise dos termos nativos ou eventos comuns, como fatos críticos. Ambos partem de natureza parecida, porem, os últimos são mais uniformes e possuem regras que os suportem, sendo que uma definição de fato está atrelada a uma meta grupal com visão de que são distintas. Segundo Peirano é conciso frisar que não cabe aos antropólogos definir o que são rituais. “Rituais”, “eventos especiais”, “eventos comunicativos” ou “eventos críticos”, pois são definidos em fins etnográficos. E sua definição apenas pode ser ligada não na sua íntegra ou então por dedução; ao pesquisador compete só a sensibilidade de constatar o que são, e quais são, os eventos específicos para os nativos (sejam “nativos” políticos, cidadão comum, até cientistas sociais).

Sendo assim, ela nos demonstra que focar rituais é abordar do papel social, no caso de esta ação se concretiza dentro de conexão de visões de mundo divididas, permite enxergar a

convívio penetre sujeitos e distribuições implícitas entre seres humanos, humanos e natureza, humanos e deuses (ou demônios), tal como. Seja a concessão se realiza por intervenção de expressões ou de ações, ela prorroga quanto um meio, todavia não minimiza a intenção do ato nem a menos seu vigor.

Conforme os autores supracitados, de modo consequente, podemos constatar que o ritual é o aglomerado de aprendizados convencionais por conhecimentos, culturas ou preceitos, tudo o que necessitam ser examinadas de maneira constante em estabelecidas consagrações. Diante disso, pode se perceber que povo Balanta, acreditando na imortalidade da alma, parte de uma concepção do conhecimento de que a vida é constituída em ciclos, o ciclo da vida terrena e o do pós-morte, gerando a concepção de uma filosofia de causalidades entre o mundo dos mortos e dos vivos, que coabitam em uma intrínseca relação de mutualidades. Podemos constatar, desta forma, que no subgrupo Balanta isso constitui um acto de aprendizado por conhecimentos.

## 6.1. Povo Brassa (Balanta) no contexto guineense

O território da Guiné-Bissau é um espaço que se encontra administrativamente compartimentado em três províncias que abarcam oito regiões administrativas e mais um setor autônomo de Bissau (capital da república). As regiões de Biombo, Cacheu e Oio constituem a província Norte, Bafatá e Gabú configuram a província Leste, enquanto Tombali, Quinará e Bolama-Bijagós estruturam a província Sul. Dentro desta geografia, o povo Balanta localiza-se, maioritariamente, na zona da província Sul do país (Tombali) e mais a região de Oio (Mansoa, Binar, N'hacra), constituindo-se em um dos maiores grupos "étnicos" da Guiné-Bissau, com uma população estimada em 22,5% da população total do país (N´HADA, 2017, p. 8). E, de acordo com Siga (2015, p. 23), o grupo populacional Brassa está dividido em seis (6) subgrupos distintos que seriam: Balanta de Kuntoé, Balanta N'hacra, Balanta Patch, Balanta Naga, Balanta Mané e Balanta Damé.

O povo Balanta, diferentemente dos outros grupos populacionais da Guiné-Bissau, possui uma organização política de cunho horizontal, isto é, não possuem uma estrutura política centralizada, a sua estrutura política apresenta aspectos comunitários, dirigida por um conselho de anciões, todas as decisões importantes são definidas neste conselho de anciões que administram a justiça e os problemas da comunidade (CABRAL, 1970).

De acordo com a afirmação de Fernando Siga, segundo narração das pessoas mais velhas, a nação Brassa (Balanta), saíra a partir do Egito, Etiópia, Sudão, e chegaram ao atual

território da Guiné-Bissau entre séculos X e XIV, e espalharam-se pelo território perante o século XIX a procura de outros territórios, assim como procuravam albergues para se esconder dos inimigos que adquiriram com o passar do tempo. Porém há outras razões, à medida que aumentava a população, procuravam novos horizontes para a caça, em outras palavras, as novas terras para plantações e de pasto dos gados. (SIGA, p. 22)

É de salientar que o povo Brassa (Balanta) pertence ao grupo de populações mais antigas da Guiné-Bissau, grupo esse denominado de paleo-sudaneses do litoral cuja língua pertence à família Nígero-Congo (SCANTAMBURLO, 2013). O seu principal meio de subsistência é a agricultura familiar traduzida na cultura de arroz, pesca, atividades em grupos que buscam o enraizamento da comunidade no coletivismo e numa vivência social assentada nos fundamentos culturais cultivados de geração em geração.

## 6. 2. Cosmogonia Brassa, Povo Balanta e sua concepção da realidade

Normalmente, acredita-se que o ser humano seja o único, entre os seres vivos, com potencialidade de construir uma cultura, e fazer passar as suas peculiaridades de vida de tempo em tempo. Tendo em vista esta necessidade de organização, grupos distintos elaboram suas formas de interpretações do cosmos. É neste contexto que pretende-se apresentar e ilustrar o povo balanta enquanto uma movimentação dialética e sua interpretação do mundo a partir de sua cultura religiosa e rituais fúnebres.

De acordo com a fala da nossa entrevistada, Faustina Sido[2] (2021), a interpretação do mundo a partir da visão do povo Balanta pressupõe a existência de mundos intrinsecamente ligados entre si, isto é, a realidade é divida entre o plano físico e metafísico e, no entanto, acreditam na imortalidade da alma (Lidé). O plano físico seria a morada dos vivos, enquanto o plano espiritual pertence ao Deus (N´ghala) e aos mortos. Para o povo Balanta, os vivos andam sempre influenciando uns aos outros com os espíritos dos ancestrais e dos mortos e essa relação se dá no âmbito de realizações cerimoniais e da interferência que os mortos possam causar no plano físico.

De acordo com a afirmação de Seide (2017 p, 44), a crença Balanta leva em conta um vulto conhecido como N'ghala (Deus), que é chefe maior espiritual e está relacionada aos antepassados do povo. Assim, na sociedade Balanta, um indivíduo morto, ainda pertence a família e a sua existência chega através de N'ghala.

[2] Faustina Sido, ancião guineense, pertence à Balanta Patche por parte do pai e por parte mãe Balanta Kuntoé. Concedeu a mim uma entrevista no dia 26 de março do ano 2021, na qual respondeu às seguintes questões: Qual é a concepção do povo Balanta Kuntoé com relação ao ritual fúnebre? De que maneira se dava as práticas ritualistas de enterro na sociedade Balanta Kuntoé?

Esta noção de relacionamentos entre mundos e a questão da perpetuidade da alma, geralmente, se vê em várias nações africanas. Segundo Wade Nobles (2009, p. 282-283), na língua Banto-Congo, a noção de ser humano é ser uma pessoa constituída por um corpo (que morre) e por um espírito (imortal), sendo que é a essência espiritual que torna o ser humano o que é, o espírito é a essência que anima o corpo e quando desabita o corpo, este morre e, por conseguinte, este espírito possui sua continuidade num outro plano transcendental. Portanto, para o povo Balanta, a condução dignitária do espírito para sua reinserção no plano metafísico se faz através de um conjunto de rituais e cerimônias gloriosas para os defuntos.

Não obstante, segundo Cutsau Nhuta, para os balantas existem mais de duas almas num só corpo, ou seja, um ser humano tem a possibilidade de reencarnação. Assim sendo, após a morte, a alma destruída no corpo, pelos feiticeiros, passa a ocupar e viver constantemente no mundo dos mortos e, ainda sim, existe a outra possibilidade de sua outra alma reencarnar e virar outra pessoa. Na devida ordem de ideias, para Balantas, é muito difícil, senão impossível, a morte de uma pessoa sem a interferência dos feiticeiros e demônios (NHUTA, 2017, p.24).

Diante do que foi acima ressaltado, pode se perceber que povo Balanta, acreditando na imortalidade da alma, parte de uma concepção de que a vida não se encerra de vez com a morte do corpo, o que pressupõe o reinício de uma outra vida no além-vida terrena e a possível reencarnação. Isto constitui uma das realidades que nutrem a cultura dos Brassas, contribuído na rica cultura do povo guineense.

### 6.3. As fases de rituais funerários de Balanta Kuntoé

Como foi colocado acima, o grupo Balanta é um povo dentro da qual pode-se encontrar diferentes subgrupos relacionados e com certas especificidades mínimas. Partindo disso, as práticas culturais de Balanta Kuntoé não vão se distanciar muito do universo magno dos Balantas, outrossim, há certos procedimentos internos específicos deste subgrupo que não deixam de apresentar similaridades.

Conforme a explanação de Alberto Bidé Balack[3] (2021), verifica-se que os ritos e rituais fúnebres, geralmente, são constituídos e realizados em distintas fases, em certas ocasiões, mutuamente ligadas entre si, a depender da idade do malogrado em questão, sendo que, de modo geral, se comportam em duas grandes fases. Certamente, os momentos que

[3] Alberto Bidé Balack, antepassado guineense, Balanta Kuntoé por parte do pai, Balanta Patche por parte da mãe. Concedeu a mim uma entrevista no dia 12 de dezembro do ano 2021, na qual respondeu às seguintes questões: Em quantas fases está divido o ritual fúnebre de Balanta Kuntoé? Porque é que o corpo de uma criança recém-nascida é sepultado com uma folha de banana?

acompanham a esta fase de homenagem aos mortos, se dão a partir do momento em que a matéria física do corpo é abandonada pela "alma" que, por sua vez, passa a ocupar o plano espiritual que dependeria das homenagens feitas para ele no plano físico, homenagens estas que se seguem com o momento de enterro (incluindo o pós-enterro) e as cerimónias de *toca tchur*, que desfecham a este ciclo, sem anular a possibilidade de surgimento de outras cerimónias futuras e imprevisíveis.

Esta relação pode se explicar mediante a contingência de aumento de vitalidade dos entes queridos no além-vida e esta relação pode ser concebida em termos de reciprocidade. Isto é, através do aumento da vitalidade do vulto do malogrado este poderia interferir, de modo positivo, na vida dos entes queridos vivos e, consequentemente, maximizar também a suas vitalidades. Segundo Tempels (2016, p.47), a felicidade suprema, nos Bantu, pressupõe a concentração da maior força vital, sendo que a morte e outras doenças constituem agentes exteriores que diminuem esta força, portanto as cerimônias e rituais mágicos tendem a fortalecer a força vital. No caso da morte, a alma do morto recarrega a sua força vital por meio dos rituais destinados a ele pelos seus queridos vivos.

Embasada nas considerações dos autores, podemos compreender que estas fases ritualísticas constituem pontos importantes para o povo Balanta, em específico o subgrupo Kuntoé, na medida que, conforme a visão deste povo, ajudam na tranquilização das almas dos entes queridos, meios pelas quais estes alcançam o descanso eterno e a ficar perto de outros no mundo da verdade, onde todos terão que retornar um dia.

### 6.4. Balanta Kuntoé e procedimentos de Kupeebé (enterro)

As cerimônias funerárias, imediatas a morte, possuem significados abrangentes, as suas realizações envolvem procedimentos diversos, que giram em torno de um objetivo cujo centro é o malogrado.

Neste panorama, o nosso entrevistado Pedro Dafa Sanca[4] (2021), afirma que na sociedade Balanta (o que é comum também aos de Kuntoé), quando morre uma pessoa, a primeira coisa a ser realizada, conforme a lógica, é dar banho nos restos mortais antes de começar a chorar as pessoas. O momento após a morte, geralmente, é caracterizado pelos ecos de choros altos dos conhecidos, mas o que se nota, as mulheres mostram mais o sentido profundo de choro, isto é, choram mais do que os homens, elas dão cambalhota que simboliza a tristeza ou sentimento de dor lastimável por perdição da vida humana.

[4] Pedro Danfa Sanca, antepassado guineense, Balanta Kuntoé por parte do pai, Balanta Patche por parte da mãe. Concedeu a mim uma entrevista no dia 12 de dezembro do ano 2021 na qual respondeu as seguintes questões: Em momento inicia o ritual do povo Balanta Kuntoé fúnebres e quais são as primeiras coisas a ser realiza no ritual fúnebres?

Por outro lado, o eco e a magnitude, dos choros dependem da idade da pessoa morta, neste caso, os mais altos choros e suas magnitudes resultam sempre da morte de uma criança, jovem ou adultos, já no caso dos idosos o choro é quase inexistente, o que demanda uma espécie de "alegria" por esta pessoa atingir a tal maioridade.

No entanto, momentos antes do enterro propriamente dito, são concebidas com base nas demandas do malogrado, isto é, a idade do morto e seu significado na sociedade (se é casada ou se já passou nos ritos de passagem de *fanado, a* circuncisão), dita os procedimentos a serem realizados nos restos mortais e em sua homenagem.

As cerimônias que envolvem o funeral, o Kupeebé, geralmente, se inicia após o momento em que a "alma" abandona o corpo humano, são momentos que, após o banho no malogrado, conforme a explanação de Pedro Dafa Sanca (2021), as famílias do falecido colocam creme de pele, perfume, algumas peças de roupas, panos, pode ser de *pinte* (é um pano feito a mão com linhas de costura) ou qualquer um e depois colocam o corpo na cama. Ainda as famílias ficam a preparar outros enfeites necessários para o momento de enterro.

É nesta fase que se disponibilizam os recursos objetais, de sentido espiritual, essenciais para o sepultamento e que, no além, a alma do morto viria a necessitar. É uma fase que se revela muito importante e o desdobramento destas cerimônias se concebem através da valorização do potencial de interferência que os mortos possam vir a ter no plano físico.

Diante disso, Sido (2020) nos explica que, nesta circunstância preparativa do enterro, a pessoa que não fez cerimônia de *fanado*, não pode escavar a cova e nem fazer sepultamento da pessoa morta, caso contrário poderia acarretar danos para a família. No entanto, existe exceção na qual um jovem que ainda não fez cerimônia de circuncisão pode realizar um enterro, isto é, caso de ele encontrar restos mortais abandonados num local isolado e sem a possibilidade de velhos circuncidados por perto, é aceitável que ele realize o enterro neste caso específico.

O procedimento de enterro, neste sentido, pode ser considerado como um ritual fúnebre, inicial, que faz a primeira condução gloriosa a alma do finado rumo ao descanso no plano metafisico. Por isso, o cuidado nos detalhes é muito importante. Pois, a ausência destes rituais pode impossibilitar o reencontro da alma com os seus conterrâneos mortos anteriormente.

Dado esta importância de cuidados ritualísticos e diferenciação de práticas em relação ao amadurecimento ou a idade do morto, vamos ver que a forma como um bebê morto é honrado e essa honra não se concebe da mesma forma que uma criança já com dentes e crescida ou como um adulto. Segundo Alberto,

> Uma criança recém-nascida, um bebê recém-nascido ou que não possui dentes, um bebê que acabou de nascer e morreu, por que você vai colocar roupa nele? não pode ser enterrada com roupas, porque ele acabou de nascer, ninguém conhece, é água ainda. é uma criança ainda. É obrigado colocar as folhas de banana nela. (BALACK, 2021).

Os restos mortais de um bebê recém-nascido, somado àquele que ainda não possui dentes, constituem casos únicos e específicos em que não se pode usar roupas como recursos para efetivação da prática do enterro.

Por conseguinte, os objetos pertinentes a fase do enterro, seriam cuecas, roupas normais, "panos" (em maior caso utilizam panos de "pente" feita à mão), e como também colocam cabaça (kabás), a cabaça deve, literalmente, ser coberta de enfeites de contas, chapéu *barite*, esteira e caixão.

Na fala da Sido (2021), no caso específico do subgrupo de Balanta Kuntoé, as cerimônias fúnebres do enterro que são direcionadas à alma de uma jovem menina que faleceu sem ter filhos, incluem o uso de quatro ou até quatorze combinações de peças, que são: cuecas, roupas normais, "panos" (em maior caso utilizam panos de "pente" feita à mão). De modo particular, a cabaça deve, literalmente, ser coberta de enfeites de contas. Já no caso do malogrado que já teve filhos, são usadas mais de quinze combinações das mesmas peças citadas acima, porém, neste caso, são utilizadas quatro cabaças de conta. A cabaça se usa apenas nas mulheres. No entanto, todos os mortos devem ser sepultados por um homem (que já passara pela cerimônia e rituais de fanado) de posição designada à realização da cerimônia de enterro, e este é comumente chamado na língua Balanta de Lanté N´dan (Homem velho ou grande homem). Quanto aos defuntos do sexo masculino, as cerimônias projetadas para um homem que já passou na cerimônia de circuncisão, o *fanado*, demandam o processo de colocar as roupas, chapéu *barrite* vermelho (simbolo de grandeza e status) e *fundinho* (uma vestimenta no formato, as vezes, de calça, mas só que com um volume maior na parte superior, ou as vezes é feita manualmente com os panos normais) na pessoa morta. Já no caso de jovens que não passaram por essa cerimônia de circuncisão, apenas colocam roupas sem o chapéu e o *fundinho*.

Ora, há momentos simbólicos relacionados ao enterrar em si, caracterizado pela troca de areia sob o sepulcro. Nas palavras de Nhuta (2017), o sepultamento se faz após a troca da areia entre os familiares do malogrado, entre os que ficam por cima do túmulo com a pessoa designada a fazer o enterro que fica por dentro do túmulo. Esse processo é interpretado do seguinte modo: areia trazida para dentro do túmulo simboliza que o homem vem de areia e dela voltaria, à medida que a areia puxada para fora do sepulcro simboliza a reencarnação.

Uma prática que mostra a importância do corpo enquanto matéria que suporta a alma, uma possível reencarnação dependeria de um corpo físico enquanto o outro se retorna de onde veio.

Partindo destas colocações, pode-se notar que rituais de kupeebé de Balanta Kuntoé são profundamente fundamentais enquanto procedimentos que permitem a purificação dos mortos e para o acesso destes a suas moradas eternas, onde eles desenvolvem uma outra vivência, sendo que desta vivência desenvolve-se uma relação com o mundo da carne, mundo dos vivos, a partir de outros procedimentos ritualísticos pós-fúnebres.

6.5. Rituais Fúnebres de “Sinni critch” (Toca choro)

Como foi exposto anteriormente, a concepção da morte a partir do ponto de vista povo Balanta inclui a continuidade da vivência da “alma” no plano espiritual, este destino dependeria muito dos ritos e cerimônias que são feitas em honra ao malogrado e suas ações na vida terrena. Estas cerimônias comportam o tratamento do corpo após o abandono deste pelo espírito que o habitava, como também os rituais de *toca tchur* (toca-choro) que seguem aos processos iniciais do tratamento do corpo e do enterro.

Conforme a explicação de Seco, para os Balantas, o *toca tchur* é uma realização importante, transformando-se na finalidade de todo um empenhamento por parte da família do falecido para concretização, pois de outro modo, a família poderá passar pelos maus incidentes. *Toca tchur*, costumeiramente, pode ser concretizado logo após a morte de um ente querido ou é combinado a data para sua posterior realização, em concordância com as circunstâncias da família ou da morança (morança, denomina em crioulo da Guiné-Bissau a unicidade habitacional familiar, nos quais estão organizadas as “tabancas” (aldeias) que é composta por uma ou várias moranças) concernente a tal morto, pelo motivo de todos contribuem na sua realização, tendo como núcleo a família (SEIDE, 2017, p, 51).

No entanto, toca-choro é o momento que encerra os rituais funerários de um determinado ente morto, ou seja, são as cerimônias que impulsionam a entrada adequada, propriamente dita, da alma no mundo dos mortos, de modo que este possa estar em convivência pacífica com as outras almas que já passaram pelo mesmo processo.

As cerimônias que envolvem os rituais fúnebres de toca-choro não se aplicam aos malogrados que são bebês recém-nascidos e crianças menos de catorze anos, porém toca-choro pode ser realizados aos malogrados de catorze e antes dos trinta, pois, de maneira diferente a uma pessoa de trinta anos à frente:

> Toca-choro de uma pessoa mais novo pode acontecer, a depender da condição da família, quais são as condições psicológicas e condições financeiras desta família.

> Um jovem pode ser concebido a cerimônia de toca tchur de maneira distinta, no caso da família que não se sinta à vontade, não colocam o b*umbulum* para tocar junto com Tambores, o fazem em silêncio, sem os instrumentos, vão sacrificar animais, boys/vacas, porcos, cabras etc. à cerimônia de *toca tchur* de adolescente de catorze anos se aplica dessa forma diferente, porque ele não chegou o nível de ser "*carmussado*" (BALACK, 2021).

Nesses casos de toca choro, dos mais pequenos, o clima é caracterizado pelas lamentações e tristeza, por estas almas partirem muito cedo, por isso, muitas famílias excluem o uso de instrumentos de sons, apenas a parte de sacrifícios animais.

Balack ainda explica que, ao contrário de *sinni Kritch* de adolescentes e jovens menores, o toca-choro dos mais velhos, as lamentações são raras, a não ser familiares muito próximo que às vezes, pela lembrança, choram. Toca choro dos mais velhos é tomado pelos ambientes de muita dança, alegria, de *carmussa* aos toques de *bumbuluns* e tambores sagrados, e geralmente, coloca-se caixa de som. O ambiente é similar à de uma festa, mas com significância diferente. Todavia, o toca choro de jovens e adultos com menos de cinquenta a sessenta, a família pode colocar e tocar bumbulum e *tambur* sagrado e, enquanto tocam, as pessoas dançam e choram ao mesmo tempo, devido ao tempo de vida intermédia destes mortos.

Em virtude disso, conclui-se que o ritual de *Toca Tchur* é uma cerimônia que homenageia os mortos, com vista a retribuir a alma do morto tudo que tinha ele feito de bom no mundo dos vivos para sua família e que sua alma possa ficar perto dos outros que a família já realizou a cerimônia de *Toca Tchur*. Nesta senda, a prática tradicional deste povo se assenta na relação com ancestrais, sobre qual a base do mundo depende das suas ancestralidades, de modo que o ritual de *Toca-Choro* lhes permite manter esta relação pacífica.

## 7. METODOLOGIA

No que se refere aos processos metodológicos previstos para o desenvolvimento da pesquisa, pretende-se empregar a pesquisa bibliográfica e análise de fontes, e, não obstante, utilizar-se-á a interpelação metodológica qualitativa, de cunho exploratório, através da efetuação de trabalho de campo com ênfase na entrevista semiestruturada. Em virtude disso, estas constituem fases desta pesquisa que programamos e pretendemos levar ao cabo.

Todavia, por não demandar as probabilidades numéricas e estatísticos, o método qualitativo se revelou importante, e, quanto a este método, RODANOV & FREITAS vão afirmar que:

> A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar

> seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRODANOV & FREITAS. 2013, p. 70)

Ainda, no que diz respeito a pesquisa exploratória, segundo Gil (2008), as averiguações de cunho exploratória têm como central objetivo ampliar, desvendar e converter princípios e sentidos, levando em conta a elaboração de problemas mais necessários ou hipóteses estudáveis para aprendizagens seguidos. O trabalho de reavaliação bibliográfica destacado na matéria em pergunta e outros conteúdos que lhe envolvem será descavado. Ainda Gil alega que pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (GIL, 2008)

Com base nas estratégias estabelecidas com vista a realização da pesquisa em questão, concluímos que a forma ideal de encontrar as respostas, das inquietações levantadas para a constituição do trabalho, como se salientou em cima, o trabalho de campo, atividade essa definida como aquela que se usa com finalidade de encontrar resultados ou conhecimentos a respeito de um problema para a qual buscamos uma explicação, ou de hipótese que almejamos reafirmar, ou encontrar novos fatos ou as ligações no meio deles. Fundamenta-se na análise de fatos e fenômenos da mesma maneira que intercorrem por si mesmo, na contribuição de informações a eles relacionados e na anotação de fatores que acreditamos significativos para analisá-los. (PRODANOV & FREITAS. p, 59)

A respeito do trabalho, realizaremos a nossa investigação de campo na Guiné-Bissau, no capital, nas cidades do norte do país, as quais são: Binar, Bissorã e Incheia, localizações habitadas maioritariamente pelos Balantas Kuntoé. Esta investigação sistemática concretizar-se-á por meio das entrevistas semiestruturadas. Segundo Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma, as entrevistas semiestruturadas acertam questões abertas e fechadas, onde o informador tem a oportunidade de falar sobre a temática apresentado. O investigador deve atrelar-se de perguntas anteriormente aprovadas, porém ele o efetua em um assunto parecido ao de uma conversa informal. Esse tipo de entrevista é muito usado quando se almeja limitar a quantidade das informações, tomando rumo maior para o tema, levando a fim de que os objetivos sejam logrados. (BONI & QUARESMA, 2005, p.75)

Quanto ao número dos entrevistados, pretende-se entrevistar dez (10) pessoas, cinco mulheres e cinco homens:

-Duas (02) pessoas de Bissorã, um homem e uma mulher (Balanta Kuntoé);

-Três (03) pessoas de Incheia, dois homens e uma mulher (Balanta Kuntoé);

-Três (03) pessoas de Binar, duas mulheres e um homem (Balanta Kuntoé);

-Uma (01) pessoa de sector de Nhacra, homem (Balanta Nhacra);

-Uma (01) pessoa de Secção Patch, uma mulher (Balanta Patch);

Vale explicar que o fato de pretendermos trabalhar com outras ramificações do povo Balanta, resido na demanda da contextualização das características em comum que o grupo Balanta apresenta em si, uma vez que constitui também uma das preocupações do nosso trabalho e, quanto ao subgrupo Kuntoé, vamos focalizar os seus aspetos culturais parciais específicos, subgrupo na qual reside o foco principal do presente trabalho. No âmbito destas entrevistas, logramos trabalhar com as pessoas acima dos trinta anos. No entanto, pensamos em conseguir realizar estas entrevistas de modo presencial, isto é, na Guiné-Bissau.

Todavia, vale ressaltar que, no desenho deste projeto, efetuamos algumas entrevistas online de cunho semiestruturada, com pessoas pertencentes ao povo Balanta, entrevista essa que respaldou muito na obtenção de dados importantes para a construção da fundamentação teórica.

## 8.CRONOGRAMA

8. 1. REALIZAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

| ATIVIDADES | 2 Semestre | 3 Semestre | 4 semestres | 5 semestres | 6 semestres |
|---|---|---|---|---|---|
| Escolha do tema | x | | | | |
| Pesquisa acerca do tema | x | | | | |
| Revisão de Literatura e Começo da escrita do pré-projeto | | x | | | |
| Coleta de dados, Leitura exploratória e | | | x | | |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| sistemática sobre o tema | | | | | |
| Análise e Avanço no desenvolvimento do projeto | | | | x | |
| Escrita, correção e apresentação de TCC | | | | | x |

8. 2. REALIZAÇÃO DA PESQUISA

| **Atividades previstos por ano/ semestre** | **2023** | | | **2024** | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Abril a junho** | **Junho - julho** | **Setembro a outubro** | **Janeiro a abril** | **Maio a julho** | **Outubro** |
| Levantamento bibliográfico e seleção de materiais de leitura e efetivação da entrevista | x | x | x | | | |
| Leitura exploratória, e sistemática | | x | | | | |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Escrita do trabalho | | | | x | | |
| Escrita e correção do trabalho | | | | | x | |
| Entrega e Defesa do TCC | | | | | | x |

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

CABRAL, Amílcar. **DISCURSO**. Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau. Av. Amílcar Cabral, cp n0 06. Guiné-Bissau em Números 2017. Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07074.133.017. Acesso em: 20 março 2021.

GIL, Antonio Carlos. **MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL**. 6ª ed. São Paulo. Editora Atlas S.A-2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento geral da população e habitação. Bissau, 2009. Disponível em: http://www.statguinebissau.com/publicacao/caracteristicas_socio_cultural.pdf. Acesso em: 20 março. 2021.

LAKATOS, Eva Maria. MACONI, Marina De Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. 5a edição revista e ampliada. São Paulo. Editora Atlas S.A. – 2002.

N´HADA, Filipe Buba. **BRASSA/BALANTA**: UMA SOCIEDADE HORIZONTAL/ACÉFALA? Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Humanidades) Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco de Conde, 2017.

NHUTA, Cutsau. **A TRADIÇÃO BALANTA A LUZ DA ESCRITURA SAGRADA**. Disponivel em: https://nhutablog.files.wordpress.com/2017/06/cutsau-tradicao-balanta-a-luz-da-escritura-sagrada.pdf. Acesso em: 12 jan 2022.

NOBLES, W. Wade. **Shakhu Sheti**: Retomando e Reapropriando um foco psicológico. In: Nascimento, Elisa Larkin (Org) Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo. Ed. Selo Negro, 2009.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito:** ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará/Nuap, 2001.

RODANOV, C. Cristiano. FREITAS, E. Cesar. **Metodologia do trabalho científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul - Brasil 2013.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O Léxico do Criolo Guineense e suas Relações com o português**: o ensino Bilingue Portuês-criolo guineense. Tese de (Doutorado linguística) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

SECO, Seco Braima. **ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E CULTURAL DA ETNIA LANTA.** Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Humanidades) Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. **Guiné-Bissau. História, culturas, sociedade literatura**. Belo Horizonte: 1ª ed. Nandyala, 2011.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa do balanta: usos, costumes e rituais**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Humanidades) Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015.

SILVA, A. C., & LUDORF, S. M. A. (2012) & VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. Pensar a Prática, 15(4).

TEMPELS, Placide Frans. **A filosofia bantu**. Edições Angola Ltd, 2016